

PSICANÁLISE E LITERATURA: PALAVRAS POR DIZER (MARIE CARDINAL)

Isloany Dias Machado*

A obra *Palavras por dizer* traz o relato dos sete anos da análise realizada pela própria autora, Marie Cardinal, filósofa formada pela Sorbone em Paris, tornou-se também uma escritora considerada feminista, que refletiu em suas obras parte de sua biografia. Nasceu em uma família burguesa e católica da Argélia. Sua análise foi feita com um psicanalista francês chamado Michel de M'Uzan¹, que foi um dos autores sobre a questão da psicossomática.

Marie chega ao analista por motivo de um sangramento que não cessava havia mais de três anos. Ela já passara por diversos ginecologistas e o máximo que conseguira foi o diagnóstico de um útero “fibromatoso”², que deveria ser extirpado. Denomina como “a coisa” sua angústia: “Alguns remédios controlavam a coisa, colocando-a num canto onde ela não mais se mexia. (...) Depois o efeito do remédio foi diminuindo. (...). E, uma bela manhã, acordei prisioneira da coisa. Consultei uma quantidade de médicos. O sangue começou a correr sem parar.”³

Já em sua primeira sessão, depois de narrar seu percurso por causa da hemorragia, o “doutorzinho”, como ela costuma chamar o analista, tira o foco da doença:

‘A senhora deve parar desde agora de tomar qualquer medicamento (...).Começamos amanhã’. (...) ‘– Mas e se eu tiver uma hemorragia, doutor?’ ‘– Não faça nada, espero a senhora amanhã.’ (...) ‘– Mas doutor, o que é que eu tenho?’ Ele fez um gesto vago como que dizendo: ‘para que servem os diagnósticos?’⁴.

E, na primeira sessão, ele estanca seu sangue com um golpe de palavras:

‘– Doutor, estou exangue.’ Recordo-me muito bem de ter usado esta palavra porque a achava bela. O médico me respondeu calma e docemente: ‘– Isto são perturbações psicossomáticas, não me interessam. Fale de outra coisa.’⁵

É neste momento que tem início uma possibilidade de cura pela palavra e não mais pelo fenômeno psicossomático, que lhe servia apenas de disfarce para algo muito mais profundo.

São muitas as passagens em que a autora vai descortinando seu passado, perpassando pelo divórcio dos pais, logo que ela nasceu. Juntos, os pais tiveram três filhos e o motivo da

* Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua em uma Instituição que atende crianças e adolescentes autistas. Membro do Ágora Instituto Lacaniano. Clínica: Rua XV de novembro 574 Centro Campo Grande/MS. Cel- (67) 9995-7837. E-mail: isloanymachado@gmail.com

separação foi a trágica descoberta da doença respiratória adquirida pelo pai antes do casamento e transmitida para a filha primogênita, um bebê que morreu aos 11 meses de vida. Ainda depois da desgraça ocorrida tiveram um filho e, a contragosto, a última filha, Marie, que perdeu o pai durante sua adolescência pelo mesmo mal que levava a irmã.

Apesar da presença esporádica do pai até que Marie se tornasse uma adolescente, a análise entrelaça-se na relação devastadora que tem com a mãe. Uma mulher forte, bela, inteligente, que sonhava em fazer medicina e ocupava-se de cuidar dos doentes, famintos e vítimas da guerra que ocorria no país. Era uma mulher muito dura que, para poder se divorciar, teve que aceitar a condição imposta pela religião de que jamais poderia se casar novamente. Marie, deitada no divã, se vê como uma menininha cujo ápice da felicidade consistia em ganhar a atenção e o amor da mãe. E isso se dava com excelência nos períodos em que caía doente e que sua mãe se tornava para ela a mais atenciosa de todas. Eram momentos sublimes nos quais podia ter o carinho e o cuidado dela, tal qual o carinho que demonstrava quando iam visitar o túmulo da irmãzinha morta pela doença do pai.

Foram diversas as tentativas de alcançar o amor da mãe, sendo uma boa aluna, uma boa cristã que confessava até mesmo pecados que não cometia para se tornar merecedora desse amor. A autora entende que não alcançaria nunca este sublime amor quando sua mãe lhe chama para conversar certa noite e lhe conta um fato que Marie chama de “a safadeza de minha mãe”. Assim que decidiu se divorciar, descobriu que estava grávida e fez várias tentativas de aborto para que parecesse espontâneo:

Eu, minha filha, fui buscar minha bicicleta enferrujada num canto havia não sei quanto tempo, e fui pedalar no campo (...). Nada. Andei a cavalo durante horas: os obstáculos, o trote, e não aconteceu nada de mais. Nada. Quando eu deixava a bicicleta e o cavalo, ia jogar tênis em pleno calor. Nada. Engoli tubos inteiros de quinino e aspirina. Nada. Entenda bem, quando uma criança se agarra, nada se pode fazer para desgarrá-la.⁶

Descobre então o ódio que sente pela mãe, pois desde que lhe contara sua “safadeza”, precipitara-a à loucura. É a partir desta cena que passa a analisar o mal-estar de sua vida interior, sua permanente inquietação e o medo constante da morte:

Sem a confissão de minha mãe, jamais teria conseguido remontar até seu ventre, retornar até o feto odioso, encurralado, que eu queria encontrar inconscientemente quando me dobrava sobre mim mesma entre o bidê e a banheira, na obscuridade do banheiro.⁷

Neste momento ela compreende seu sangramento como uma repetição, buscando ressignificar as tentativas frustradas de sua mãe de matar o bebê e esvaí-lo de seu ventre.

Se de um lado estavam as tentativas de assassinato, do outro se fez presente uma intensa vontade de viver e de saber e, após quatro anos de análise, Marie conquistou a saúde e a liberdade de seu corpo. Nesse período ela depara-se com um muro, com o vazio de existir, equivalente, na teoria lacaniana, ao Real.

Tudo o que é real está sempre e obrigatoriamente em seu lugar, mesmo quando se o perturba. O real tem por propriedade carregar seu lugar na sola dos sapatos. Podem desarrumar quanto quiserem o real, ainda assim nossos corpos vão continuar em seu lugar depois da explosão de uma bomba atômica, em seu lugar de pedaços.⁸

Desespera-se e acredita ter perdido o controle sobre si mesma:

Eu não era ninguém. Não tinha desejos, não tinha vontade, não tinha gosto nem desgosto. Fora modelada para parecer o mais possível com uma figura humana, que eu não escolhera e que não me convinha. Dia após dia, desde o meu nascimento, me haviam fabricado: meus gestos, minhas atitudes, meu vocabulário. Tinham recalcado minhas necessidades; meus desejos, meus impulsos foram postos de lado, maquiados, disfarçados, aprisionados. Depois de me terem esvaziado a cabeça, encheram-na de pensamentos adequados que me iam tão bem quanto um avental numa vaca. E quando tiveram certeza de que o enxerto estava bem preso, de que eu não tinha condições de rechaçar as ondas que subiam do fundo de meu ser, deixaram-me viver livremente.⁹

Marie faz uma bela descrição de como se sentiu perante o encontro com a sua verdade e esta passagem parece ser uma forma dilacerante de dizer do processo de recalçamento de seus significantes, tal como Freud o descreve em sua Conferência XXXI:

As crianças de tenra idade são amorais e não possuem inibições internas contra seus impulsos que buscam o prazer. O papel que mais tarde é assumido pelo superego é desempenhado, no início, por um poder externo, pela autoridade dos pais. (...). O superego parece ter feito uma escolha unilateral e ter ficado apenas com a rigidez e severidade dos pais, com sua função proibidora e punitiva, ao passo que o cuidado carinhoso deles parece não ter sido assimilado e mantido.¹⁰

A partir do ponto em que encontra o vazio, ela se vê diante de duas opções: desistir ou continuar. Ela decidiu continuar e passa a reescrever sua história. Lacan, partindo da teoria freudiana, afirma que:

A história não é o passado. A história é o passado na medida em que é historiado no presente – historiado no presente porque foi vivido no passado. (...) O fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos

formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói.¹¹

Marie encontra-se com seus defeitos, sua agressividade, sua culpa e relata um trabalho muito árduo, obedecendo à regra fundamental da Psicanálise quando o “doutorzinho” lhe dizia: “E isso...em que a faz pensar?”¹². A análise não é um trabalho fácil, tem que haver um desejo de saber. Para Lacan,

A análise é absolutamente inseparável de uma questão fundamental sobre a maneira como a verdade entra na vida do homem. A dimensão da verdade é misteriosa, inexplicável, nada permite decisivamente discernir-lhe a necessidade, pois que o homem se acomoda perfeitamente à não-verdade.¹³

Marie caminha para a cura, refaz seu casamento que havia acabado por causa de sua doença interminável, passa a compreender e educar melhor seus filhos; ganha asas em seu trabalho e descobre o que é ser uma mulher, o que é ter medo do poder dos homens e diz que o fato de ter consciência de sua condição feminina a fez descobrir coisas e pensar no seu papel frente a alienação da classe burguesa a qual pertencia. Novamente o desespero, e Marie sente, não pela primeira vez, raiva do “doutorzinho”: “ – Eu saí da tirania do pensamento burguês para uma outra tirania, a da análise. É a mesma coisa: um sistema que aprisiona as pessoas e do qual o senhor é um dos carcereiros.” Ao que o analista limita-se a responder: “ – Ao menos a senhora está consciente.”¹⁴ Uma vez desfeita a cortina de fumaça que encobre a verdade sobre o inconsciente, não há como retroceder.

No último ano de sua análise foi o ano em que sua mãe entrega-se à morte. Dedicara-se a cuidar dos doentes e por causa da guerra no país (Argélia) teve que reformular sua vida na França e, diante da responsabilidade de assumir sua própria vida, preferiu morrer. Agora que Marie estava mais forte, que se tornara outra pessoa, sua mãe tentava agarrar-se a ela, mas, depois de mais de três décadas de uma relação devastadora, não havia sobrado nada, apenas “a coisa”, que era o único ponto comum entre elas. Sua mãe entrega-se de vez à “coisa” também, a mesma que havia passado para Marie. Quando já estava doente, foi morar com a filha e, ao passo que Marie se torna cada vez mais forte, sua mãe se enfraquece cada vez mais. É como se ambas não pudessem coexistir. Se uma vivesse, a outra teria que morrer. Marie decidiu viver.

A única vez que realmente conversaram foi quando sua mãe lhe contou sobre as tentativas de matá-la ainda em seu ventre e, como último golpe, guarda para ela uma das cenas

mais fortes descritas pela autora. Certa noite chega em casa depois de um compromisso profissional e encontra sua mãe na cama improvisada para ela na sala:

Ali estava ela, diante de mim, sentada na sua cama, como de costume. Sua camisola se erguera acima da barriga, tão alto que eu via seu sexo pelado. Sujara-se toda, e sua merda escorria até o chão. Sobre a mesa perto dela, duas garrafas quadradas de rum, uma vazia, outra pela metade, um copo cheio, ao lado. (...) Estava ignóbil: as bolsas sob os olhos iam até as bochechas, estas iam até ao pescoço, e sua grande boca escancarada, até o peito.¹⁵

A saúde de sua mãe estava fragilizada e no dia seguinte, quando fora levada para morar com o outro filho, deixou-se morrer. Marie não vai ao funeral.

Foi para a filha indesejada que ela escancarou sua fraqueza, mas era tarde demais, não havia mais lugar pra ela nesta viagem rumo ao nascimento de Marie. De qualquer forma, a morte da mãe foi um grande golpe para ela, ao mesmo tempo em que tudo estava acabado, não sentia que estava tão livre quanto pensava. Foi depois de algum tempo decorrido da morte que Marie vai visitar o túmulo da mãe pela primeira vez e fica contente ao conseguir dizer “eu te amo” para a fria pedra. “Foi preciso essa morte catastrófica, o trauma que me provocou, para fazer subir aquela bola até a superfície de minha consciência, vencer a última resistência, a última defesa”¹⁶

A análise, além de tudo, é a cura pela palavra. Marie sofre em seu corpo e decide procurar um psicanalista, sem saber exatamente aonde isso vai dar.

Lacan refere-se à cura da seguinte maneira: ‘A cura é uma demanda que parte da voz do sofredor, de alguém que sofre em seu corpo ou em seu pensamento.’ Lacan não diz que é uma resposta, mas uma demanda – de curar seu sofrimento, de obter um sentido ao que ocorre.¹⁷

No início o “doutorzinho” advertira que uma análise poderia mudar radicalmente sua vida. Ao fim, a autora fala que “uma análise bem conduzida deve levar à morte e ao nascimento, outorgar a cada ser humano sua liberdade, sua verdade. (...) Uma análise não termina nunca, passa a ser uma forma de viver”.¹⁸

Trata-se de uma belíssima obra literária em que a autora fala de seu processo analítico de uma forma aguda, causando ora riso ora desespero no leitor. Marie, em seu romance, diz sobre a Psicanálise não com as mesmas palavras de Freud ou Lacan, mas com as palavras que lhe saíram como gritos da garganta, com as palavras de quem passou a saber um pouco sobre seu inconsciente, ainda que de forma não teórica. É uma importante obra da literatura francesa que define, com as palavras da analisanda, como é fazer uma análise do começo ao “fim”.

-
- ¹ E. ROUDINESCO. *Genealogias*, p. 248.
² M. CARDINAL. *Palavras por dizer*, p. 10.
³ Idem, p.12.
⁴ Idem, p. 20-21.
⁵ Idem, p. 24.
⁶ Idem, p. 85.
⁷ Idem, p. 88.
⁸ J. LACAN. *O Seminário livro 4: a relação de objeto*, p. 38.
⁹ Idem, p. 101.
¹⁰ S. FREUD. Conferência XXXI, p. 81.
¹¹ J. LACAN. *O Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud*, p. 21-22.
¹² M. CARDINAL. *Palavras por dizer*, p. 126.
¹³ J. LACAN. *O Seminário livro 3: As psicoses*, p. 245.
¹⁴ M. CARDINAL. *Palavras por dizer*, p. 159.
¹⁵ Idem, p. 168-169.
¹⁶ Idem, p. 174.
¹⁷ S. E. TENDLARZ. *De que sofrem as crianças? A psicose na infância*, p. 93.
¹⁸ M. CARDINAL. *Palavras por dizer*, p. 163.

Referências

CARDINAL, Marie. *Palavras por dizer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica*. Obras Completas. Vol. 22. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

LACAN, Jacques. *O Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. *O Seminário livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. *O Seminário livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

TENDLARZ, S. Elena. *De que sofrem as crianças? A psicose na infância*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.